

Leila, de Tino Freitas e Thais Beltrame: abuso sexual na infância e o diálogo com pressupostos teóricos da literatura infantil

Fabiano Tadeu Grazioli*

Resumo

Os temas polêmicos, como o abuso sexual, quando abordados pela literatura infantil, ganham uma dimensão que só a arte pode fomentar junto aos pequenos leitores: permitem-se observar através de uma lupa, de um microscópio, e, assim, ganham a visibilidade que merecem (ou necessitam) na sociedade. É o caso da obra *Leila*, livro ilustrado, com textos de Tino Freitas e ilustrações de Thais Beltrame, que despontou no sistema literário infantil no final do primeiro semestre de 2019. Este trabalho apresenta, inicialmente, algumas reflexões sobre a obra em questão, a partir de seu enredo, conjugando o que informa ao leitor as narrativas verbal e visual e dialogando, quando possível, com alguns pressupostos teóricos sobre o livro ilustrado, a partir do que considera Hunt (2010). Na sequência, são realizadas aproximações entre a obra em análise e alguns pressupostos teóricos da literatura para a infância, momento em que são aproveitados estudos de Aguiar (2001), Bajard (2014), Colomer (2003, 2007), Gregorin Filho (2009), Souza (2014, 2016), Petit (2009), Hunt (2010), Re-

yes (2010), Zilberman (2003), entre outros. Tais estudos, mesmo não abordando o tema diretamente, deixam a margem necessária para que a literatura pensada para a criança inclua, no bojo de suas discussões, a temática do abuso sexual, à medida que eles depõem a favor da construção de um artefato artístico capaz de levar o leitor ao conhecimento de si mesmo e do Outro.

Palavras-chave: Abuso sexual na infância. Literatura infantil. Livro ilustrado.

* Doutor em Letras (área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Docente da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), *Campus* de Erechim/RS, e do Colégio Franciscano São José, Erechim/RS. E-mail: ftg@uricer.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3860-6767>.

Considerações iniciais

Leila, obra literária para a infância, de Tino Freitas e Thais Beltrame, é muito especial a nós, por abordar, com delicadeza e inventividade, a temática do abuso sexual infantil. Durante três anos, trabalhamos com oficinas de leitura literária para crianças vítimas de abuso e violência sexual na Prefeitura Municipal de Erechim, município do norte do Rio Grande do Sul, de modo que conseguimos mensurar, pela nossa experiência junto às vítimas, o impacto que a referida obra terá na subjetividade de crianças que vivenciaram o abuso, e também naquelas que não foram ou são vítimas, mas que têm a oportunidade de, por meio da obra, conhecer uma realidade adversa e, assim, em um exercício de alteridade, perceber-se no lugar do outro – da vítima, no caso – e ter uma pequena noção da complexidade emocional que envolve os casos de abuso sexual na infância. Lamentamos não termos à disposição uma obra como a escolhida para este estudo na época em que desenvolvíamos as oficinas. Já adiantamos que a narrativa, que se constitui da soma entre o texto verbal e a ilustração, cumpre antes sua função de obra artística/literária e nela encontramos um trabalho refinado no texto verbal e no visual. Entretanto, a temática que subjaz ao trabalho artístico com a linguagem, somada justamente a essa linguagem, tem potencial de pro-

vocar na criança leitora a assimilação de realidades tão adversas como a que o livro retrata. Nos encontros semanais que o projeto previa, passávamos quatro horas trocando experiências em torno de obras diversas (narrativas, poemas, músicas, filmes, imagens) que nos proporcionavam estabelecer contato com o que estava lesionado no mundo interior (e muitas vezes no corpo) de cada criança. Aos quase quarenta participantes que frequentaram as oficinas naqueles três anos dedicamos, com carinho, este texto.

Ainda sobre o que tratávamos no parágrafo anterior, é importante registrar que o projeto tinha o acompanhamento de uma psicóloga e de uma assistente social e fazia parte da proposta discutir, semanalmente, com essas profissionais as atividades a serem desenvolvidas, bem como o relato a elas das reações e manifestações das crianças durante a realização de leituras e debates. As profissionais com as quais trabalhamos durante os três anos sempre permitiram que a abordagem junto às crianças fosse, antes de tudo, aquela esperada na leitura literária: a que busca na linguagem artística a interação necessária para o texto fazer sentido antes pela compreensão da utilização dos recursos literários do que pela simples abordagem das temáticas que envolviam os leitores. Foi assim que, em muitos momentos, oferecemos às crianças obras que abordavam outros assuntos, mas que permi-

tiam, pela linguagem, uma aproximação intensa e significativa.

A experiência semanal junto às crianças e às colegas permite-nos, em alguns poucos momentos deste ensaio, fazer algumas afirmações sobre o tema da obra escolhida para as reflexões, sem recorrer a estudos sobre ele, mas simplesmente como quem ouviu diversas histórias sobre o tema e, principalmente, como quem procurou entender, durante as atividades, o modo de as crianças abusadas reagirem nos diversos estágios do abuso sexual, pela maneira como traziam até nós suas narrativas, pela sua fala sempre espontânea, seu olhar, seus gestos e até pelas suas lágrimas.

O percurso do trabalho é simples: na próxima seção, apresentamos informações sobre a obra literária em questão, que será considerada a partir das partes que compõem o livro ilustrado: texto, imagem e projeto gráfico¹, tomando como obra o resultado do encadeamento desses três elementos. Nosso ponto de partida é o enredo percebido na confluência entre texto verbal e visual, tecendo, por vezes, algumas considerações sobre o tratamento dado ao tema pelos autores e relacionando a sua criação a estudos que iluminam nossa compreensão da obra. Na sequência, apresentamos as relações da obra com alguns estudos da literatura infantil que têm servido de base quando o objetivo é refletir sobre a qualidade, as funções e a leitura de livros

com características literárias que podem ser lidos por crianças. Relacionaremos a obra *Leila* a estudos da literatura infantil, reparando de que modo texto e imagem relacionam-se com princípios da literatura direcionada aos pequenos leitores, haja vista a temática do livro ser considerada tabu, mesmo nos dias atuais. Não buscamos um aporte teórico da área da psicologia infantil sobre o abuso e a violência sexual nesta fase, posto que nosso objetivo é demonstrar que os estudos da literatura infantil, ao teorizarem sobre as funções e o estatuto desse produto cultural, já o fazem com uma abrangência que dá conta de promover reflexões, quando uma obra tão específica surge no sistema literário. Por fim, tecemos algumas considerações que servem para fechar o ensaio, deixando, como todo estudo dessa natureza, abertura para outras reflexões e abordagens que venham a ampliar as nossas, afirmá-las ou até refutá-las.

Leila, de Tino Freitas e Thais Beltrame: algumas considerações sobre a obra

Desde que surgiu, no final do primeiro semestre de 2019, o livro ilustrado *Leila*, de Freitas e Beltrame, tem levantado discussões importantes sobre a sua temática nos espaços em que foi

acolhido para leitura. A obra reacendeu discussões em torno do abuso sexual na infância, tema abordado no livro de modo inventivo e sensível, por meio da linguagem específica dos livros ilustrados, nos quais texto, imagens e projeto gráfico entram em sintonia para que a história chegue até a criança. É a ilustração que informa ao leitor que Leila é uma baleia, pois, nas primeiras páginas, embora no texto verbal apareça a expressão “nadar” relacionado à personagem, é o texto visual que contextualiza o espaço da narrativa (o fundo do mar) e apresenta a protagonista ao leitor. É importante notar que o termo “baleia” só vai aparecer quase no final do enredo. Esse aspecto da obra coloca em evidência a importância da ilustração na construção narrativa de Freitas e Beltrame. Em muitos outros momentos, esse componente da obra desempenhará função narrativa, trazendo ao leitor aspectos importantes do enredo.

Colomer (2003, p. 190), discorrendo sobre as histórias de animais, afirma que eles aparecem nas narrativas sob duas formas:

[...] por um lado, sua utilização como personagens humanizados para descrever a sociedade humana, nos livros para crianças pequenas. [...]. Por outro lado, a descrição realista dos animais, normalmente convivendo com os protagonistas crianças ou jovens, para tratar de sentimentos de afeto, lealdade ou de socialização em geral.

Freitas e Beltrame fazem uso do primeiro aproveitamento dos animais nos

textos literários apontado por Colomer, pois a utilização dos animais marinhos, como baleia, polvo, peixe, entre outros, implica na representação da sociedade humana, de modo que esses personagens são humanizados no enredo, em especial nas ilustrações, conseguindo uma comunicação imediata também com os leitores menores.

Leila, a protagonista, uma baleia pré-adolescente (a quem chamaremos de “baleia-menina”), em um dia em que se sente muito feliz, arruma-se e sai de casa para nadar. Já na segunda dupla de páginas do miolo, percebemos, de acordo com o texto verbal e a ilustração, que a menina usa biquínis iguais aos dos seres humanos e que possui cabelos, outra característica humana. Tanto o biquíni quanto o cabelo de Leila estão a lembrar a proximidade que a narrativa tem com as crianças leitoras. Tal recurso empregado pelo escritor e pela ilustradora mistura esses elementos para que a criança possa se reconhecer na personagem. É uma maneira de humanizar a protagonista e de fazer a criança afeiçoar-se por ela. Além disso, pode ser que a criança não esteja familiarizada com a figura da baleia, mas reconheça prontamente o biquíni e o cabelo da personagem e, assim, crie identificação com ela. Ainda, nessa página dupla, vemos casas iguais às dos seres humanos, outro elemento que pode se somar aos que já apontamos e fazer a criança reconhecer aquele cenário.

“Casa no fundo do mar?”, perguntarão algumas. O importante é deixar essas informações sem uma resposta definitiva, para que os recursos próprios dos livros ilustrados possam cumprir sua função de provocar e instigar a imaginação e a criatividade dos leitores. Já vivemos uma época em que projetos arrojados de ilustração, que colocam em xeque as certezas dos leitores, fazendo-os pensar e reimaginar as situações a partir de outros olhares, têm espaço nas boas casas editoriais.

A baleia-menina logo encontra o Barão, seu vizinho polvo, que lhe trata verbalmente de maneira abusiva: faz elogios com malícia e a beija no rosto. “Ele a beijou no rosto, como quem rouba algo de uma criança. E Leila sentiu-se esquisita” (FREITAS; BELTRAME, 2019, não paginado). Na página direita dessa dupla de páginas, o leitor vê um close no olho do polvo, e dentro do olho a imagem de Leila. Tal ilustração revela o olhar intimidador da personagem em direção à baleia-menina. O polvo, que a chama de Pequena, decide nadar com ela, que fica assombrada com a possibilidade. Ela não queria companhia alguma, mas, mesmo assim, Barão a seguiu. É importante notar que o texto, mesmo econômico, revela dois aspectos muito importantes sobre a reação de Leila em relação às investidas do polvo: o narrador diz que a baleia-menina se sente assombrada e com medo. As crianças que sofrem

abuso, de fato, mesmo não entendendo plenamente o contexto em que estão inseridas no caso do abuso sexual (pois algumas ficam em dúvida em relação ao que está acontecendo, visto que elas não esperam dos adultos, que deveriam zelar pelos menores, tais atitudes), reagem às tentativas do abusador com medo e assombro.

No passeio, as investidas do polvo continuam. Ele fala para Leila:

Olha, Pequena – Barão sussurrou com sua voz sedutora – se você for gentil comigo, te darei biquínis ainda mais bonitos. O seu está meio torto, deixa eu ajustá-lo para você (FREITAS; BELTRAME, 2019, não paginado).

E, com esse pretexto, antes que Leila dissesse que não, ele mexeu na alça do seu biquíni. A baleia-menina, retraída, foi para o fundo do mar. O polvo Barão continuou seguindo-a, já que não havia outros peixes no lugar em que se encontravam. Na oportunidade, ele cortou os cabelos de Leila, afirmando: “– Eu gosto assim, Pequena” (FREITAS; BELTRAME, 2019, não paginado). Dessa vez, sensações e sentimentos como pavor, angústia e tristeza tomaram conta da baleia, que permaneceu muda e imóvel. A ousadia do polvo – em contraponto ao apreço de Leila por seus cabelos – deixa a menina perplexa, de modo que a sua reação é uma não reação perante o fato. A maneira de os autores apresentarem essa parte do enredo também corresponde ao que já é de conhecimento das

pessoas em relação ao abuso infantil: muitas crianças, tendo em vista a complexidade emocional que envolve as ações dos abusadores, não conseguem reagir prontamente.

Ao deixar Leila sozinha, Barão diz a ela que os fatos ocorridos são segredo entre eles. A baleia-menina desistiu de nadar e se isolou no fundo do mar. Diversas duplas de páginas somente com imagens mostram a personagem inicialmente isolada. Na evolução do conjunto de ilustrações, os animais marinhos vão aparecendo e, em um esforço pautado pela amizade e pela compreensão, despertam nela outra vez o desejo de nadar, e Leila volta à superfície do mar: inclusive, dá saltos. As páginas a que nos referimos podem também levar o leitor a concluir que o período de tempo transcorrido naquelas imagens foi longo, como longo geralmente é o período de silêncio e isolamento das crianças abusadas. Cabe lembrar que esse tempo, na vida real, é tão estendido que muitas vítimas só revelarão na vida adulta as histórias de abuso sexual sofridas na infância; algumas nem chegam a mencionar tais fatos durante sua vida.

Mesmo tendo saído do isolamento em que se encontrava, algo de desconfortável ainda ressoava em Leila, como algo incômodo, desajustado. É como se

a baleia-menina não conseguisse mais encontrar a plenitude de antes. E chegou o dia de reencontrar o polvo Barão. Tal encontro despertou uma confusão dentro dela. Sentimentos como raiva, medo e coragem tomaram conta da personagem. E essa foi a vez de Leila projetar o seu olhar intimidador em direção ao polvo. Para demonstrar isso, a ilustradora/autora recupera um recurso já utilizado em outro momento: ela apresenta agora um close no olho da protagonista (que preenche toda a página), mostrando o olhar firme e intimidador em direção ao polvo, que aparece dentro do olho dela. A utilização desse recurso é um investimento por parte de Beltrame na capacidade de o leitor fazer relações entre as partes do enredo e de elevar seu trabalho com o texto visual a um nível arrojado de composição e experimentação. Na sequência, Leila pensa em todo o mal que as atitudes de Barão representaram na sua vida e se expressa verbalmente, por meio de um posicionamento altivo e corajoso frente ao seu abusador: “– O meu nome não é Pequena!”. A narração evolui informando que: “Ela tinha muito a revelar:” (FREITAS; BELTRAME, 2019, não paginado). A sequência do discurso de Leila compõe a página dupla reproduzida na Figura 1:

Figura 1 – Página dupla da obra *Leila*



Fonte: Freitas e Beltrame (2019, não paginado).

A disposição dos enunciados na página não segue a regularidade dos textos impressos. Foram utilizadas letras de diferentes tamanhos e que não seguem uma linha reta, todas elas saindo da boca de Leila. Esses detalhes do projeto gráfico são a tradução da fala de Leila, que se expressa com uma mistura de medo, raiva e coragem. Isso representa o discurso da criança abusada, quando consegue romper o silêncio, apontar e devolver no discurso verbal (detalhe muito importante na psicologia) todo o mal que sofreu. Sabemos que muitas crianças não chegam a ter essa coragem frente aos seus agressores, e muitas delas, quando conseguem se pronunciar, não são levadas a sério. Há palavras em fontes tipográficas maiores que as outras, sobre as quais recai uma carga semântica maior, recurso utilizado, inclusive, em outras oportunidades na obra. O fecha-

mento da fala de Leila nesse momento tão importante se dá na página seguinte, com as palavras: “– Agora todos sabem quem é você!” (FREITAS; BELTRAME, 2019, não paginado).

Na sequência, um ponto curioso está a provocar o leitor que entra em contato com a narrativa em análise. O texto verbal, que se encontra ao lado direito na página dupla, informa: “Barão enfim estava em seu devido lugar, aprisionado e sem voz. Fígado pelas frases ditas por Leila, que tinha mais a afirmar:” (FREITAS; BELTRAME, 2019, não paginado). A imagem da página do lado direito é a do polvo envolto em uma rede. Trata-se de uma construção que coloca em simbiose o texto verbal e o visual, do qual o leitor logra oportunidade ímpar de envolvimento e fruição própria do livro ilustrado.

Furtamo-nos, até o momento, de oportunidades de trazermos ao nosso estudo aspectos teóricos referentes ao livro ilustrado. Entretanto, essa é uma oportunidade de revermos um ponto levantado por Peter Hunt. Algumas obras dessa categoria apostam na capacidade de a criança pensar e criar relações (e, portanto, transitar) tanto por um caminho (a palavra que influencia a compreensão da ilustração) quanto pelo outro (a ilustração que influencia a compreensão do texto verbal). Esses movimentos levam a criança a perceber e se relacionar com a linguagem verbal e a visual, separada ou simultaneamente:

Os livros-ilustrados podem desenvolver a diferença entre ler palavras e ler imagens: não são limitados por sequência linear, mas podem orquestrar o movimento dos olhos. O mais importante, como disse Sônia Landes, é que “no entendimento dos ilustradores de hoje, os livros-ilustrados lidam na realidade com os dois argumentos, o visual e o verbal; e cada um pode ser escalonado separadamente para um mútuo reforço, contraponto, antecipação ou expansão” (HUNT, 2010, p. 234).

A possibilidade de orquestrar o movimento dos olhos nada mais é que o leitor se orientar pelo livro ilustrado tendo como guia o texto verbal e a ilustração simultaneamente, levando ao entrelaçamento de ambos, o que confere a não linearidade à obra, conforme as palavras de Hunt. A possibilidade de lê-los em separado aponta, no texto, para os dois argumentos: o verbal e o visual.

Eles [os dois argumentos ou os dois contingentes de significados] têm um grande potencial semiótico/semântico, decididamente não são simples coleções de imagens [...] (HUNT, 2010, p. 234).

Relacionando essas questões ao estágio do enredo de *Leila* de que estamos tratando, podemos afirmar que o leitor tem a oportunidade de perceber os enunciados sem a influência da imagem e também de ler a imagem sem a influência dos enunciados. Os dois contingentes de significados podem “funcionar” de maneira separada.

Contudo, ao estabelecer relações entre as linguagens, o leitor chegará a um ponto de interseção e entrelaçamento que potencializa justamente a sua capacidade de lidar com esse conjunto de informações que estão em estado de troca e provocação: o texto verbal informa que o polvo foi fisgado pelas frases ditas por Leila e, agora, está aprisionado e sem voz. A ilustração mostra a personagem presa por uma rede. A rede seria a representação visual do valor semântico atribuído às expressões “fisgado”, “sem voz” e “aprisionado”? O polvo foi de fato capturado, tendo em vista as leis do mar – que podem ser uma reprodução das leis humanas, propositalmente – frente à denúncia de Leila? A não linearidade estabelecida entre texto verbal e visual é justamente a capacidade de os ilustradores inserirem pontos de interrogação na relação entre as linguagens. Longe de

funcionarem como a simples tradução de uma linguagem em outra, essas questões não possuem resposta única e definitiva, trata-se de um espaço em que o leitor vai preencher conforme sua capacidade de entendimento e compreensão do texto, bem como suas experiências em relação às vivências no mundo real.

A afirmação de *Leila* que ficou em aberto no último fragmento transcrito (vale notar: ele se encerra com dois pontos, e a afirmação só não foi mencionada antes porque se encontra na página seguinte) é: “Sou uma baleia livre!” (FREITAS; BELTRAME, 2019, não paginado). Nas quatro páginas seguintes, nas quais não há texto verbal, encontramos *Leila* nadando na companhia dos seus amigos. No fechamento da narrativa, ela coloca os fones de ouvido, escolhe sua música preferida e “[...] teve aquela certeza que brota na gente quando nos sentimos muito bem: Estou feliz, pensou” (FREITAS; BELTRAME, 2019, não paginado). Ela sai, então, a nadar mais uma vez, de modo que no fechamento de sua história, que se dá no plano visual, vemos *Leila* saltando com os fones de ouvido. Seu cabelo já está crescido e trançado. Cabe lembrar que, assim como as casas, o biquíni e os cabelos de *Leila*, os fones de ouvido aproximam o leitor da personagem, justamente por misturar, na sua construção, aspectos da vida humana, conforme já observamos.

Leila, de Tino Freitas e Thais Beltrame, e o diálogo com pressupostos teóricos da literatura infantil

De acordo com Maria Regina Fay Azambuja (2004), a violência percebida como desrespeito aos direitos humanos fundamentais acompanha a história da humanidade. “À criança, historicamente, em face de sua fragilidade física e psíquica frente ao adulto, especialmente nos primeiros anos de vida, vem sendo reservada a cruel posição de *vítima*” (AZAMBUJA, 2004, p. 19, grifo nosso). Contudo, segundo Cristiane Antunes Espindola Zapelini (2010), em tempos modernos, tal sofrimento não diminui; o que pode ter-se modificado são as formas que a violência chega até a criança. Em suas palavras:

As crianças deficientes, meninas, pobres e negras encontram-se com as violências muito cedo. Práticas de abandono e exploração do trabalho infantil eram comuns aos olhos de toda a sociedade. Essa constatação histórica contribui para marcar o silêncio devastador que é impingido às crianças e aos adolescentes, sublimando seus desejos, amordaçando seus pedidos de socorro quando são violentados, adestrando seus pensamentos e reduzindo os espaços em que vivem para dificultar a aprendizagem essencial de ser sujeito da própria história (ZAPELINI, 2010, p. 16-17).

Tendo em vista esse contexto, recorreremos inicialmente a Antonio Candido (1989), que, embora não tenha tratado sobre a literatura para a infância, refletiu sobre a possibilidade de a literatura colocar o indivíduo em um lugar de protagonismo na sua própria história, tornando-o capaz de modificar-se intelectual e afetivamente, podendo até vir a interferir no triste quadro que Azambuja e Zapelini constroem nos seus comentários. Afirma o mestre:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 1989, p. 113).

A possibilidade de “viver dialeticamente os problemas” leva o ser humano ao encontro inevitável com as violências de toda ordem, e, nesse sentido,

[...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual (CANDIDO, 1989, p. 122).

É nesse sentido que a produção literária de uma determinada época pode estar a serviço do desvelamento das situações diversas que encobrem o debate franco sobre temas polêmicos, como é o caso de

uma violência específica praticada contra a criança, o abuso sexual, que Freitas e Beltrame trazem à tona em *Leila*.

Há dez anos, José Nicolau Gregorin Filho (2009, p. 30-31) já afirmava:

Hoje há uma produção literária/artística para as crianças que não nasce apenas da necessidade de se transformar em mero recurso pedagógico, mas cujas principais funções são o lúdico, o catártico e o libertador, além do cognitivo e do pragmático, já que visa preparar o indivíduo para a vida num mundo repleto de adversidades.

Tal vertente, dentro da literatura infantil, consolidou-se na última década, de modo que, cada vez mais, os autores têm se conectado com a descrição que Gregorin Filho faz. *Leila*, sem dúvida, é uma obra que representa potencialmente essa literatura que tem como funções principais o lúdico, o catártico e o libertador. A criança que entra em contato com a obra, beneficiando-se dos recursos verbais e visuais que a compõem, não deixará de submergir da leitura com ferramentas intelectuais e emocionais que permitem observar a realidade que a cerca de modo diferente e até reagir quando as adversidades se colocarem na sua trajetória.

Buscamos na psicanálise o entendimento da importância do enfrentamento das dificuldades e da força que o indivíduo precisa projetar no seu caminho para que, no final, logre êxito:

Que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 2007, p. 15).

A narrativa de Freitas e Beltrame está a despertar justamente esse tipo de força junto ao pequeno leitor, que pode encontrar na obra ferramentas para a luta contra as inevitáveis dificuldades graves da vida. Considerando a possibilidade de a criança criar vínculos de identificação com a protagonista, como destacamos na seção anterior, o leitor entrará em contato com a trajetória da baleia-menina, comungará do seu medo, da sua angústia e de todos os demais sentimentos que tomam conta da protagonista durante a narrativa. Ao final, compartilhará do desfecho no qual Leila consegue expressar seus sentimentos em relação ao abuso sexual e reestabelecer sua confiança e autoestima, o que, nas palavras de Bruno Bettelheim (2007), é o indivíduo defrontando-se de modo firme com as opressões inesperadas.

Vera Teixeira de Aguiar (2001, p. 8) dialoga com os especialistas citados à medida que afirma:

É preciso, pois, uma correção de rumos, no sentido de propiciar às crianças experiências de leitura enriquecedoras, em que a literatura se mostra como uma realidade possível, ativadora de imaginação e do conhecimento do outro, e de si mesmo. Para tanto, importa criar situações de leitura fundadas na liberdade de escolha e no ludismo, alicerçados em

bases teóricas sólidas sobre o gênero literário em questão, o processo de leitura, as características emocionais e cognitivas infantis e a metodologia de trabalho mais adequada.

O fragmento, mesmo tratando do ensino da literatura, merece importância, pois enfatiza que, pelo contato com a obra literária, o conhecimento do outro e de si mesmo torna-se possível. Essas são motivações que levam escritores e ilustradores como os estudados aqui a produzirem suas obras. O conhecimento de si, no caso de *Leila*, torna-se uma busca do leitor que entrar em contato com o enredo, pois, por meio dele, a criança interage com universos polêmicos, que na vida real se apresentam a ela, muitas vezes, envoltos em tabus, como é o caso do abuso sexual. Nesse processo de conhecer a si mesmo, a criança leitora pode chegar a perceber e entender os contextos nos quais ela está inserida e reagir de diversas maneiras, dentre as quais, pontuamos duas: perceber-se como vítima de abuso sexual e instruir-se sobre tal situação, haja vista que não podemos garantir que as crianças, indiferente do contexto social no qual estão inseridas, sejam vítimas desse tipo de violência. Tal perspectiva é muito positiva e tem suas origens na renovação que ocorreu na literatura para a infância a partir da década de 1980. Eliana Yunes (1989, p. 78), ainda no final da referida década, observando a literatura do período e refletindo sobre ela, afirmava:

[...] vem se fortalecendo uma proposta literária para a infância que não pretende submeter o leitor aos padrões estabelecidos, mas libertá-lo de todo tipo de opressão.

Teresa Colomer (2007, p. 62) apresenta perspectiva semelhante à dos autores arrolados até o momento no ensaio:

A comunicação literária se produz desde o início e o que progride é a capacidade de construir um sentido através dos caminhos assinalados. Isto sustenta a ideia educativa de que a formação leitora deve se dirigir desde o começo ao diálogo entre os indivíduos e a cultura, ao uso da literatura para comparar-se a si mesmo com esse horizonte de vozes [...]. O trabalho escolar sobre as obras deve orientar-se, pois, para a descoberta de seu sentido global, a estrutura simbólica onde o leitor pode projetar-se. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo. Tal recompensa é o que justifica o esforço de ler.

A comparação de si mesmo com os horizontes de vozes trazidas pelo texto promove encontros que, no caso de *Leila*, fortalecem a sensação de pertencimento e acolhimento da criança: *pertencimento* porque a identificação com a baleia-menina faz o leitor ter a sensação de que a infância é um universo partilhado, comungado pelos pequenos; *acolhimento* porque, no caso das crianças vítimas de abuso sexual, elas podem reforçar suas identidades e projetar suas ações – quem sabe até a denúncia – a partir do contato com a obra.

Nos 13 anos em que viajamos com o monólogo *Memórias de Nina*, do qual somos responsáveis pela direção e pelo

roteiro, cujo tema também é o abuso e a violência sexual, que, inclusive, continua no repertório da Duetto Produções Culturais e Artísticas, não foram poucas as vezes em que os contratantes do espetáculo retomaram o contato conosco após as apresentações, informando-nos que crianças e adolescentes haviam realizado denúncia, influenciadas pelo espetáculo. Por isso, para nós, não é exagero imaginar que, ao entrar em contato com a obra em análise, crianças abusadas denunciem os abusadores ou os enfrentem, tal como a atitude de Leila no fechamento do enredo.

Colomer, mirando o ensino da literatura, assim como Aguiar, afirma que o investimento nas atividades de leitura precisa revelar o sentido global do texto, a estrutura simbólica na qual o leitor pode se projetar. O leitor facilmente consegue se projetar na estrutura simbólica do texto de Freitas e Beltrame. Trata-se da possibilidade de os leitores identificarem-se com a protagonista, tema que já abordamos em várias oportunidades, e, por isso, aderirem intelectual e emocionalmente ao enredo. Para a pesquisadora espanhola, a obra capaz de cumprir essa função aumenta a capacidade de a criança compreender o mundo, o que já justifica a sua existência e leitura. A experiência com a leitura literária que estamos projetando neste ensaio também encontra ressonância nos estudos de Yolanda Reyes (2012, p. 26), para quem:

A literatura deve ser lida – vale dizer: sentida – a partir da própria vida. Quem escreve deve estrear as palavras e reinventá-las a cada vez, para lhes imprimir sua marca pessoal. E quem lê recria esse processo de invenção para decifrar e decifrar-se na linguagem do outro. É esse processo complexo que implica, para dizer o mínimo, dois sujeitos, com toda a sua experiência, com toda a sua história, com suas leituras prévias, com suas sensibilidades, com sua imaginação, com seu poder de situar-se para além de si mesmos. Trata-se de uma experiência de leitura complexa e, deve-se dizer, difícil.

A possibilidade (ou necessidade?) de, na recepção de *Leila*, o leitor decifrar a narrativa, ao mesmo tempo em que decifra a si mesmo, vem ao encontro do que viemos afirmando a partir dos especialistas trazidos a esta escrita até o momento. Sintonizando-se com a baleia-menina, o leitor, consciente ou inconscientemente, reavalia seu entendimento da realidade que o cerca e, principalmente, decifra a si mesmo a partir do enredo. O processo enfatizado por Reyes não é algo simples, requer entrega e não está isento de dificuldades. A pesquisadora também destaca:

A leitura é concebida atualmente como um processo permanente de diálogo e negociação de sentidos, no qual intervêm um autor, um texto – verbal ou não verbal – e um leitor com toda uma bagagem de experiências prévias, de motivações, de atitudes, de perguntas e de vozes de outros, num contexto social e cultural em mudança (REYES, 2010, p. 22-23).

Ao levantar a presença de dois sujeitos envolvidos no processo de construção e leitura da obra literária nos dois frag-

mentos transcritos do estudo da autora aqui utilizado – o autor e o leitor –, motivamo-nos a relacionar suas palavras aos pressupostos teóricos de Wolfgang Iser (1976 *apud* COMPAGNON, 1999, p. 149), para quem a leitura baseia-se em um processo de “efeitos e respostas”, uma vez que “[...] o texto representa um efeito potencial que é realizado no processo da leitura”. De acordo com Iser (1976 *apud* COMPAGNON, 1999, p. 149),

[...] a obra literária tem dois polos [...] o artístico e estético: o polo artístico é o texto do autor e o polo estético é a realização efetuada pelo leitor. Considerando essa polaridade, é claro que a própria obra não pode ser idêntica ao texto nem à sua concretização, mas deve situar-se em algum lugar entre os dois. Ela deve inevitavelmente ser de caráter virtual, pois ela não pode reduzir-se nem à realidade do texto nem à subjetividade do leitor, e é dessa virtualidade que ela deriva seu dinamismo. Como o leitor passa por diversos pontos de vista oferecidos pelo texto e relaciona suas diferentes visões e esquemas, ele põe a obra em movimento, e se põe ele próprio igualmente em movimento.²

À medida que Reyes e Iser concebem a leitura da obra literária como resultado do encontro de dois indivíduos, um que escreve e um que lê – cujos mundos, vivências e experiências não são os mesmos –, precisamos compreender que o segundo pode se utilizar de uma margem que engloba modos diferentes de perceber o texto e de jogar com seus sentidos. Ao se referir ao polo estético, ou seja, à recepção do texto pelo leitor, momento no qual a obra se realiza enquanto

artefato pensado e concebido a partir do aproveitamento estético da realidade, Iser evidencia o caráter virtual da obra literária e a necessidade de equalizar a subjetividade do leitor e a realidade do texto. Na busca desse equilíbrio é que o leitor estabelecerá as trocas necessárias com a obra, a fim de dar a ela um significado que leve em consideração sua visão de mundo e experiência real. A leitura de *Leila* pode exemplificar esse transcurso, basta imaginarmos dois leitores com experiências distintas em relação ao abuso sexual. O primeiro deles vive, no momento do contato com a obra, uma situação de abuso sexual no contexto em que está inserido. O segundo não passou por experiências dessa natureza, tem conhecimento do tema porque ouviu sobre as histórias de abuso do bairro onde mora e percebe o tema com frequência nos noticiários. Obviamente, o modo como cada um aproveita a margem de que tratávamos, ao entrar em contato com a obra de Freitas e Beltrame, é diferente. Ambos, em contato com a mesma narrativa, projetam para a história diferentes sentidos, pois põem em movimento diferentes visões e esquemas. Dessa maneira, duas leituras são concretizadas, o que não significa que uma delas corresponda exatamente ao polo artístico, ou seja, aos sentidos que os autores procuraram dar ao texto. São duas leituras existentes no arco de possibilidades que a virtualidade do tex-

to permite que sejam elaboradas, e isso demonstra o dinamismo da obra.

É importante não esquecer que a leitura vista nesse sentido é, antes de tudo, um processo que envolve a intelectualidade dos leitores, como destaca Regina Zilberman (2003, p. 46):

A literatura infantil contraria o caráter pedagógico antes referido, compreensível com o exame da perspectiva da criança e o significado que o gênero pode ter para ela. Sua atuação dá-se dentro de uma faixa de conhecimento, não porque transmite informações e ensinamento morais, mas porque pode outorgar ao leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades intelectuais. O saber adquirido dá-se, assim, pelo domínio da realidade empírica, isto é, aquela que lhe é negada em sua atividade escolar ou doméstica, desencadeando um “alargamento da dimensão e compreensão”.

O movimento previsto por Iser, à medida que o leitor confere sentidos ao texto, caracteriza com eficiência a possibilidade de desdobramento de suas capacidades intelectuais, isso porque se confronta com o texto na tentativa de atribuir-lhe significado, o que é uma atividade complexa, rica, desafiadora e ativa, implicando a mobilização dos conhecimentos que a criança possui e a possibilidade de adquirir outros. O domínio da realidade empírica nada mais é do que a capacidade de o leitor aprender com base nas experiências que o contato com o texto propicia, levando-o ao entendimento do mundo que o cerca e das relações que estabelece com esse mundo.

Tal saber confere, segundo Zilberman, um alargamento da dimensão e da compreensão do sujeito, o que equivale a dizer que se trata de um processo que emancipa o leitor, demonstrando que:

A literatura tem poder emancipatório, pois liberta o leitor de seu mundo real, levando-o a uma dimensão ficcional capaz de transformar o próprio real (GIROTTTO; NETO; SOUZA, 2016, p. 196).

No contato com uma obra ficcional como *Leila*, o leitor tem possibilidade de envolver-se com a temática do abuso sexual na infância e, utilizando-se de tal experiência – que é, antes de tudo, uma experiência intelectual, de acordo com Zilberman, além de subjetiva –, projetar o que é necessário modificar no mundo real. Esse processo implica na capacidade de transformar a realidade, como destacam Cyntia Graziela Simões Girotto, Irlando Neto e Renata Junqueira de Souza (2016).

No caso específico da infância, público para o qual a obra em análise foi pensada, Girotto e Souza declaram (2014, p. 95):

Conceber a humanização na infância por meio da literatura é saber que cada um se torna humano também a partir dessas aprendizagens, já que as qualidades típicas do gênero humano estão “encarnadas” nos objetos culturais, materiais ou simbólicos, cujas características impulsionam o desenvolvimento sociocultural das crianças e desnudam a elas a função de tais objetos – fator fundamental na experimentação dos pequenos. Assim as crianças podem construir para a leitura um sentido que a aproxime.

As aprendizagens das quais estamos tratando nos últimos parágrafos – e que aparecem também no fragmento transcrito – têm a força de conceder a humanidade de que necessitam os pequenos leitores, para se tornarem pessoas sensíveis, conhecedoras de seu mundo interior e aptas a interagirem com a realidade circundante. *Leila*, por constituir uma obra de arte, traz em si, “encarnadas”, para usar uma expressão das autoras, características humanas fundamentais, como que à espera dos pequenos, com capacidade de ampliar seus horizontes frente à temática do abuso sexual, com potencial de fazer as crianças construir sentidos para a obra que os aproxime de suas vivências e experiências.

Mas que características humanas estariam “encarnadas” em *Leila*, tendo em vista o enredo e os elementos que apresentamos na seção anterior? Dentre um conjunto de características que legam à obra a humanidade que Girotto e Souza preveem, é fundamental destacar o olhar sensível para a completude da infância, que os adultos precisam oferecer aos pequenos, permitindo-lhes vivê-la com plenitude, sem que sua integridade física, emocional e cognitiva seja ameaçada. A criança que conhece o enredo construído por Freitas e Beltrame constitui-se (mais) humana, por ter a oportunidade de compreender o direito de ter seu corpo, seu mundo interior e sua condição de criança respeitados e garantidos pelos

adultos, bem como entender que essa premissa é direito dos seus iguais, em um exercício de reconhecer-se parte de um grupo, de uma categoria.

Já que levantamos a questão relativa ao público a que a obra é destinada, vale retomar as palavras de Peter Hunt (2010, p. 100) sobre o leitor implícito na literatura para crianças:

Definir literatura infantil pode parecer demarcação de território, mas apenas na medida em que o objeto necessita alguma delimitação para ser manejável. No entanto, a despeito da instabilidade da infância, o livro para criança pode ser definido em termos do leitor implícito. A partir de uma leitura cuidadosa, ficará claro a quem o livro se destina: quer o livro esteja totalmente do lado da criança, quer favoreça o desenvolvimento dela ou a tenha como alvo direto.

Tendo presente o enredo de *Leila* e as considerações já apresentadas na presente seção, é fácil tarefa perceber que a obra está do lado da criança, dos seus anseios e da manutenção de suas condições de crescimento e amadurecimento sadios. A obra, evidentemente, tem a criança como alvo direto e favorece o seu desenvolvimento, levantando uma discussão necessária e urgente, que deve ser acolhida em diversos espaços e práticas de leitura, formais e não formais. É importante destacar que o contato com a obra literária pode desencadear a sucessão de eventos positivos em direção à construção da personalidade e uma posição perante os fatos e seus desdobramentos:

[...] as leituras abrem para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de automatização, a construção de uma posição do sujeito (PETIT, 2009, p. 32).

Enredos como o de *Leila*, já se afirmou neste ensaio, contribuem para a construção do mundo interior da criança e o desfecho da história apresenta perspectivas de abertura de novos horizontes para a infância, nas quais a criança é respeitada, em seu corpo, sua sexualidade, sua subjetividade. Considerando que a obra em análise trata de um tema que coloca os pequenos numa posição de desrespeito, na qual sua dignidade e sua integridade são colocadas em xeque, como bem viemos delineado, é importante retomar o que Michèle Petit (2009, p. 127) afirma na mesma obra utilizada anteriormente:

De fato, em contextos de crise, individual ou coletiva, quem analisou os fatores que trabalham para a reconstituição do indivíduo, sublinhou a importância de dois elementos: a qualidade do contato com os outros e a possibilidade de tecer uma narração a partir das experiências descosturadas, dando-lhes sentido, coerência, quanto de exprimir suas emoções diferentemente e compartilhá-las.

Se nem todas as vítimas de abuso e violência sexual têm a oportunidade de transformar as suas experiências em narração, seja na construção literária, seja em alguma manifestação oral, em contextos que envolvam terapia ou alguma atividade de natureza recreativa, formativa ou frutiva, como aquela que

nos referimos na abertura deste ensaio, a possibilidade de perceber no relato do outro a sua história – como no caso do narrador de *Leila* ou nos diálogos nos quais a voz da protagonista é evidenciada – também é uma oportunidade de reconstituição do contexto de crise individual, isso porque as experiências da personagem estão encadeadas de uma maneira que a vítima de abuso consiga reconhecer na história de Leila a sua própria história, de modo integrado, organizado, muito diferente do modo que, sabe-se, as histórias de vida das vítimas são vistas por elas mesmas: fragmentadas, confusas, desarticuladas, haja vista o turbilhão de sensações e emoções confusas e desconstruídas que habitam sua subjetividade. É nesse sentido que *Leila* coloca a criança em sintonia com uma temática tão importante e tão necessária.

Considerações finais

Os estudos da literatura infantil, na sua essência, sempre deixaram abertura para a configuração de temas como o abuso sexual na infância, como que à espera de obras que, de fato, abordassem o tema e o colocassem no bojo das discussões necessárias das diversas décadas, desde o fortalecimento dessa manifestação artística, no início dos anos 1980. Freitas e Beltrame não são os primeiros autores da literatura brasileira destinada às crianças a abordarem o tema, mas

talvez sejam os primeiros a oferecê-lo no formato de livro ilustrado pensando para crianças menores. Alguns autores que podemos mapear brevemente, como Júlio Emílio Braz, Lourenço Cazarré, Tânia Alexandre Martinelli, entre outros, procuram se comunicar, em suas obras sobre o tema em questão, com o leitor adolescente ou jovem, e o formato das obras não é o livro ilustrado. Tratam-se de livros nos quais o texto figura com poucas ou nenhuma ilustração.

O abuso sexual na infância, embora não mencionado diretamente nos estudos da literatura infantil referidos, faz parte de um largo campo de situações complexas que envolvem a vida das crianças, às quais a literatura pode (ou deve) dar vazão, cumprindo, assim, a função de levar o leitor a conhecer a si mesmo e reconhecer-se, quem sabe, como vítima de abuso sexual, e também a compreender os contextos nos quais os seus semelhantes possam estar inseridos e, a partir de então, desenvolver um olhar sensível em relação ao outro.

Dessa forma, a literatura dedicada às crianças pode, por vezes, escolher o tema em questão para que, no processo de criação artística, por meio da reelaboração da realidade da qual *Leila* é um exemplo muito pertinente, ele possa ser oferecido ao leitor, na composição do livro artístico. O pesquisador Élie Bajard (2014) afirma que o texto ficcional tem uma função fundamental na construção da personalidade

infantil, com a qual outros tipos de textos não têm condições de concorrer.

De fato a criança precisa, desde muito cedo, construir para si um universo imaginário, chave de interpretação do mundo real [...] (BAJARD, 2014, p. 44).

O universo imaginário do qual fala Bajard pode ser alimentado com histórias como a de Leila, capazes de funcionar como chave de interpretação do mundo real, principalmente quando a realidade não favorece o crescimento incorruptível das crianças leitoras, mesmo que Azambuja (2004, p. 19) afirme que: “Ao longo do tempo, a percepção e o entendimento do sentido da infância sofrem mudanças importantes, refletindo-se diariamente no relacionamento que se estabelece entre a criança e o adulto, tanto no âmbito familiar como no social e jurídico”.

Quanto ao fato de *Leila* constituir-se em um livro ilustrado, cabe, no encerramento, afirmar que não há hierarquia de linguagens na obra em questão: texto e ilustração, ou melhor, linguagem verbal e linguagem visual estão em equilíbrio na composição da obra. Isso não significa, por exemplo, que a linguagem visual traduz a linguagem verbal, ou então que esta funciona como legenda daquela. O equilíbrio que mencionamos refere-se ao fato de uma não se sobressair à outra, tornando-se mais importante ou relevante. Elas disputam a atenção do leitor em pé de igualdade e ambas

oferecem recursos criativos que ficam à disposição do leitor, como que à espera da fruição. Obviamente há encontros inesperados entre texto e ilustrações que resultam inusitados e provocativos, tal como exemplificamos na segunda seção.

Leila, written by Tino Freitas and illustrated by Thais Beltrame: sexual abuse in childhood and its connection with theoretical assumptions of children’s literature

Abstract

Controversial issues, such as sexual abuse when approached by Children’s Literature have a dimension that only art can instigate on the little readers: the reflections allow kids observe themselves through a magnifying glass or under a microscope. So, these issues have the visibility they deserve (or need) in society. This is the case of *Leila*, a book that was written by Tino Freitas and illustrated by Thais Beltrame and emerged in the children’s literary system at the end of the first semester of 2019. In the first place, the text presents some reflections, starting from its plot that reports the reader throughout a combination of the verbal and visual narratives, and when it is possible, the book makes some links with the theoretical assumptions about the illustrated book, based on the considerations of Hunt (2010). In the following section, some approximations are made between the work under analysis and some aspects of the Children’s Literature that were theorized by Aguiar (2001), Bajard

(2007), Colomer (2003, 2007), Gregorin Filho (2009), Souza (2014, 2016), Petit (2009), Hunt (2010), Reyes (2010), Zilberman (2003), among others. Even if such studies do not address the subject directly, they have the necessary opening for including the sexual abuse issue, at the heart of their discussions especially when it comes to Children's Literature. Thus, the art testifies in favor of the construction of an artifact capable of bringing the reader's knowledge of himself and the Other.

Keywords: Sexual abuse in childhood. Children's Literature. Illustrated book.

Notas

- ¹ O projeto gráfico é coletivo, trata-se da soma das ideias do autor, da ilustradora e de Lilian Teixeira, produtora editorial.
- ² Obviamente, temos acesso ao texto de Iser, contudo achamos mais adequada a tradução que Campagnon faz dos dois fragmentos da obra do autor aqui apresentados.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de. *Era uma vez na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Editorial, 2001.
- AZAMBUJA, Maria Regina Fay. *Violência sexual intrafamiliar: é possível proteger a criança?* Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.
- BAJARD, Élie. *Da escrita de textos à leitura*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise nos contos de fada*. 23. ed. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.
- COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COMPAGNON, Antonie. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- FILHO, José Nicolau Gregorin. *Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- GIROTTTO, Cyntia Graziela Simões; NETO, Irlando; SOUZA, Renata Junqueira de. Caminhos para o ensino da leitura literária na Educação Infantil. In: GIROTTTO, Cyntia Graziela Simões (org.). *Literatura e educação infantil*. Campinas: Mercado das Letras, 2016. p. 195-213.
- GIROTTTO, Cyntia Graziela Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. Para que e por que aproximar livros e crianças pequenininhas? A educação literária na primeira infância. In: PIETROBON, Sandra; UJLLE, Nájela (org.). *Educação, infância e formação de leitores: vicissitudes e quefazeres*. Curitiba: CRV, 2014. p. 93-110.
- HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldroni. São Paulo: Editora 34, 2009.
- REYES, Yolanda. *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.
- YUNES, Eliana. *Leitura e leituras da literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1989.
- ZAPELINI, Cristiane Antunes Espindola (org.). *Módulo 2: violências, rede de proteção e sistema de garantia de direitos*. Florianópolis: NUVIC-CED-UFSC, 2010.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.